

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Planejamento Grego de Cidades</b>	Jan / 2010
labeca		1 de 10									

**WYCHERLEY, R. E.**

**1976. Greek Town-Planning. In: *How the Greeks Built Cities*. Nova Iorque, Macmillan: (1949) 15-35.**

**[tradução: Maria B. B. Florenzano, 2002; revisão Labeca].**

Nos séculos VI a.C e V a.C, quando a civilização helênica estava bem desenvolvida e o crescimento arquitetônico da cidade-estado estava bastante completo, os gregos continuavam a criar novas cidades: colônias, capitais para estados federais e para ligas. Nessa época, continuavam também a reconstruir cidades que haviam sido muito destruídas pelos persas ou por outros invasores. Em tais circunstâncias seria surpreendente se o gênio criativo dos gregos não tivesse produzido algum meio de planejar a cidade e tentado criar deliberadamente cidades em lugar de simplesmente deixá-las crescer desordenadamente. Com efeito, já no século V a.C, as necessidades práticas sugeriram métodos, ao mesmo tempo em que os arquitetos tinham concepções de formas ideais para a pólis e estavam tentando colocá-las em prática. Necessidades ‘estéticas’, no entanto, nunca predominaram.

Não temos como saber de que forma surgiram os novos métodos e como foram inicialmente aplicados, mas um de seus centros principais foi, sem dúvida, a Jônia, na costa ocidental da Ásia Menor e, talvez, Mileto em particular. Nos anos recentes, foram encontradas evidências de que as colônias ocidentais (sul da Itália e Sicília) também tiveram plantas planejadas. As cidades da Grécia propriamente dita permaneceram obstinadamente conservadoras quanto à forma. Os jônios do período Arcaico lideraram a criatividade cultural em vários aspectos e, nesta questão em particular, tiveram uma boa oportunidade já que fundaram muitas colônias e ainda tiveram que reconstruir muitas cidades que haviam sido completamente destruídas por invasores. Podemos acrescentar que a Jônia era especialmente sensível às influências vindas do Leste, ainda que não saibamos ao certo se o planejamento urbano tem alguma coisa a ver com um aporte oriental, mesmo que possamos encontrar analogias no Egito e no Médio Oriente. Na minha opinião, os arquitetos jônios trabalharam independentemente em um sistema que satisfazia suas próprias necessidades e suas próprias ideias do que seria uma cidade. O princípio básico não tinha nada de espetacular e nem de elaborado, mas era um princípio simples, óbvio e prático. De fato, tratava-se do mais elementar dos planos, a assim chamada ‘grade’ ou ‘tabuleiro’, com ruas

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Planejamento Grego de Cidades</b>	Jan / 2010
labeca		2 de 10									

retas que se cruzavam em ângulos retos.

Não era necessário nenhum grande gênio para pensar neste método. Grupos de colonos estavam sempre preocupados com esse problema já que enfrentavam, uma vez chegados ao local da nova colônia, o problema de como fazer para dividir a terra de forma mais fácil, conveniente e satisfatória para todos. O método retangular significava menos complicações. O engenho apareceu, por um lado, na tentativa de adaptação da cidade grega, com todos os seus elementos antigos e originais, a esse esquema mais rígido e, por outro, na potencialização das possibilidades arquitetônicas que o processo de adaptação oferecia. A planta de tabuleiro é vista com desconfiança por muitos projetistas modernos, especialmente se aplicada rigidamente em grande escala; é sem imaginação e inelástica. Mas, no caso das cidades gregas, as objeções não se aplicam tão fortemente. Estas eram comparativamente pequenas e não tinham que enfrentar os problemas de trânsito e outros que afetam a grandes cidades modernas. Elas não podiam se dar ao luxo de se espalhar. A grade servia bem aos seus objetivos. Estas cidades não tinham a pretensão de atingir efeitos grandiosos e pitorescos, vistas esplêndidas ou coisas parecidas. Mas, para tudo isso, com um pouco de engenho, especialmente no posicionamento e arranjo dos edifícios, elas podiam evitar a monotonia sem forma e criar um esquema de sucesso.

Mileto, aparentemente teve um papel importante. Depois de ter fundado uma enorme quantidade de colônias, a metrópole foi destruída pelos persas em 494 a.C. e refundada em linhas mais modernas depois da derrota dos persas em 479 a.C.; a personalidade mais famosa em planejamento de cidades, Hipodamo, era de Mileto. Este Hipodamo é uma figura indefinida. Nossa fonte mais importante a seu respeito é Aristóteles [*Política*, ii, 5]. Nos é dito, nesta passagem, que ele tinha os cabelos compridos e que sustentava teorias políticas interessantes, mas a respeito de suas atividades como um projetista, simplesmente é dito que “tinha descoberto o método de dividir as cidades e tinha recortado o Pireu”. Outras referências não são muito mais precisas do que esta. Podemos ter alguma certeza de que ele executou o projeto do Pireu para os atenienses em meados do século V a.C. Os textos também dizem que ele tomou parte da fundação de Túrio, na Itália do sul (443 a.C.), e não há dúvida de que ele teve uma mão no planejamento dessa nova colônia. Estrabão [XIV.2.9] nos revela que ele também teria planejado Rodes (que foi fundada em 408 a.C.), mas acrescenta um ‘como dizem’ no final, fazendo com que fiquemos na dúvida a respeito desta informação. É pouco provável que esta última tradição seja verdadeira, pois teríamos que pensar em

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Planejamento Grego de Cidades</b>	Jan / 2010
labeca		3 de 10									

um Hipodamo muito jovem no momento do planejamento do Pireu ou, então, nele muito velho no planejamento de Rodes. Von Gerkan está provavelmente correto ao acreditar que Hipodamo fosse uma criança no final do século VI a.C. e que fosse um jovem quando esteve envolvido na reconstrução de sua própria cidade antes de ter ido a Atenas para projetar o Pireu. Não há dúvidas de que ele usou a planta retangular; Aristóteles [*Política*, VII.10.4, 1330b] leva-nos a pensar assim, ainda que não o prove. Algumas tentativas foram feitas no sentido de atribuir a Hipodamo o planejamento radial e outros artifícios espetaculares, mas a evidência para isto é completamente imaginária e é mais razoável supor que os métodos que pareceram ser normais em sua época e no século IV a.C foram os do maior expoente grego em planejamento urbano. Não que ele tenha inventado estes métodos ou que tenha sido o primeiro a utilizá-los na Grécia; é mais provável que ele os tenha desenvolvido e divulgado. Quando lemos a respeito de sua 'invenção' é preciso lembrar que os gregos gostavam muito de transformar algo, que na verdade era um desenvolvimento paulatino, em uma criação espetacular de um único homem. As referências à sua 'atribuição' de terras apontam para o fato de que ele demonstrava uma verdadeira engenhosidade no arranjo de suas cidades e designava seções para propósitos diferentes. Mas apesar de todas as suposições que possamos fazer, Hipodamo não é mais do que um simples nome para nós; um nome conveniente e sinto-me justificado em rotular o método grego de planejamento urbano de hipodâmico.

Pouco sabemos a respeito das primeiras cidades planejadas, com exceção de Mileto, e temos que preencher novamente as lacunas do nosso conhecimento com as inferências feitas a partir de tempos posteriores. Ólbia, colônia milésia na costa norte do Ponto Euxino, foi reconstruída depois de um incêndio, no final do século VI a.C. As escavações mostram que foi utilizado um plano de ruas retangular, mas os detalhes não estão muito claros. Mileto era uma cidade muito antiga e seu formato arcaico tinha uma planta irregular, pelo que pode ser visto nos vestígios daquela época. O saque persa, no século V a.C, foi muito brutal e os sobreviventes que retornaram, planejaram uma cidade completamente nova e moderna, diferentemente dos atenienses que ao retornar depois do saque persa, restauraram o *status quo ante*, com a adição de templos maiores e mais magníficos. A nova planta com sua rede retangular de ruas parece ter se estendido por toda a Península milésia, com exceção da parte sul, onde a orientação é ligeiramente diferente e os quarteirões são maiores, podendo ter sido um acréscimo um pouco posterior. Muito menos era necessário de imediato e a construção propriamente dita avançou gradualmente, na medida em que

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Planejamento Grego de Cidades</b>	Jan / 2010
<table border="1"> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> </table>						4 de 10					

labeca

a cidade se recompunha economicamente. Os milésios pareciam antever a continuidade da grandeza de sua cidade e planejaram a reconstrução de acordo com este projeto. Era uma grande obra e bem justificada: Mileto tornou-se novamente uma cidade florescente, ainda que a sua glória cultural arcaica tivesse ido embora para sempre. A orientação foi escolhida com cuidado e habilidade, de forma que um conjunto de ruas se estendesse ao longo da Península. Uma área, grande, central, comparativamente baixa e plana foi reservada desde o começo para construções como a ágora – aqui não há vestígios de que a área tivesse necessariamente sofrido uma desapropriação de casas para a construção dos grandes esquemas arquitetônicos posteriores. Os fatores que determinaram a posição da ágora foram principalmente os mesmos que aqueles que haviam funcionado desde as épocas mais antigas, mas os princípios envolvidos podiam ser aplicados mais deliberadamente e o crescimento futuro estava previsto. O teatro, o estádio, os ginásios e os outros prédios do mesmo tipo foram posicionados com habilidade.

Fora da Jônia, os novos métodos dali originários foram, por algum tempo, aplicados apenas esporadicamente, isto é particularmente verdadeiro com relação à Grécia. Elis, por exemplo, fundada por sinecismo em 471 a.C. era ainda antiquada. Hipodamo veio a Atenas na época em que a cidade estava começando a atrair muitos dos líderes intelectuais gregos. Não sabemos quase nada a respeito de sua planta para o Pireu. As reconstruções modernas são praticamente obras da imaginação. As montanhas e os portos ofereciam um terreno difícil e recortado. Há alguma indicação tênue do uso de um esquema retangular com diferentes orientações conforme os bairros. A ‘grade’ foi empregada em sítios montanhosos que qualquer urbanista moderno acharia completamente inapropriado; mas isto não significa que a conveniência prática foi pedantemente sacrificada a favor da teoria abstrata. Desde que houvesse ruas principais razoavelmente niveladas — era o que bastava para o trânsito comum em uma cidade grega —, as demais travessas podiam ser apenas escadarias. A ágora do Pireu, situada em uma depressão ao oeste da colina de Muniquia, foi chamada de *hipodámeia* por conta do projetista que, presumivelmente, achou um espaço para a mesma em sua ‘repartição’ do sítio.

A respeito de Túrio, temos apenas raras indicações em Diodoro [XII.10] que nos conta que, ali, havia três ruas em uma direção e três na outra; este é um número muito restrito e é possível que existissem travessas entre elas. Em Olinto, na Calcídica, norte do Egeu, a parte mais antiga da cidade, na colina sul, era de planta irregular. Mas, uma parte posterior, datada do século V a.C.,

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Planejamento Grego de Cidades</b>	Jan / 2010
labeca		5 de 10									

na colina norte, que era mais baixa e menos inclinada, foi construída de acordo com uma planta retangular, com várias avenidas posicionadas no eixo N-S e numerosas travessas alternadas com ruelas que dividiam cada quarteirão em dois. O mesmo sistema foi empregado em uma parte mais baixa no lado leste das duas colinas. Ainda que não fosse um contínuo vindo de cima das colinas, havia alguns pontos de partida no pé da colina, nos quais justamente uma das 'avenidas' parece ter tomado um rumo diagonal no sentido SE, em direção à cidade portuária de Meczyberna. A colina sul tinha uma avenida Leste e uma avenida Oeste, unidas por travessas. Assim, parece ser que a nova planta da parte norte representou uma redução esquemática de uma planta antiga da parte sul. Também Selinonte, na Sicília ocidental, foi construída em duas colinas planas mas teve uma história bastante curiosa. A colina sul, que dava vista para o porto formado por um braço de mar a Leste, era a parte mais antiga; em uma época recuada, a cidade cresceu em uma colina maior, ao norte, e nas terras baixas, a leste e oeste. A colina sul tornou-se, assim, uma espécie de acrópole na qual foram construídos vários templos. Selinonte foi saqueada pelos cartagineses em 492 a.C. Logo depois, foi restaurada mas, agora, a cidade ficou de novo restrita à colina sul na qual foi projetada em tabuleiro. A rua principal se estendia no eixo N-S de lado a lado da colina e, então, havia uma série de travessas, uma entre as quais atravessa a colina em uma parte mais larga e forma um eixo transversal bastante enfático. Dois pontos merecem atenção especial. Neste projeto, os velhos templos ainda predominam ocupando uma área desproporcional no lado SE; parece que a orientação das ruas principais foi determinada por eles. Em segundo lugar, o cruzamento das ruas principais é mais marcado do que normalmente nas plantas urbanas gregas e parece o esquema italiano do *cardo* e *decumanus*.

Rodes, fundada em 408 a.C., foi admiravelmente comparada a um grande teatro (Vitrúvio [II.8.11] diz algo parecido a respeito de Halicarnasso, construída por Mausolo, em meados do século IV a.C.). Este formato é o que se espera, eventualmente, de uma cidade à beira do mar. A semelhança pode ser sugerida pelo contorno e disposição geral da cidade. Sabemos hoje que as ruas tinham uma disposição retangular e não eram radiadas a partir da ágora, como são os corredores a partir da orquestra em um teatro. Com efeito, o planejamento urbano grego mostra pouca atração pelo sistema radial até época bem recente. Cnido, no sudoeste da Ásia Menor, foi uma outra cidade costeira na mesma região. Ela estava, originalmente, em uma pequena península, mas depois das Guerras Pérsicas, foi restaurada principalmente na terra firme próxima. O sítio

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Planejamento Grego de Cidades</b>	Jan / 2010
labeca		6 de 10									

descia para o mar de forma abrupta e, então, as ruas mais longas estendiam-se paralelamente à costa enquanto as travessas eram bastante inclinadas, muitas vezes apenas uma escadaria.

Em alguns sítios, as evidências são muito raras ou obscuras e complicadas, devido à adição posterior de elementos, ou confusas pelas interpretações de pesquisadores mais antigos. Priene ainda é, para nós, o exemplo mais claro do projeto urbano hipodâmico. Em escala reduzida é um modelo de cidade grega, contendo tudo o que marca uma pólis, tudo muito nítido e engenhosamente arranjado e subordinado à planta hipodâmica. A cidade foi refundada na parte final do século IV a.C., foi construída na vertente sul de uma colina e, de novo, as ruas longas estendidas de leste a oeste eram comparativamente mais niveladas, enquanto as travessas eram muito inclinadas. Uma área muito mais inclinada, de fato quase inacessível, ao norte, foi incluída e formava um tipo de acrópole. O conjunto foi contornado por uma muralha bastante irregular. A planta regular foi aplicada de modo bastante estrito aos quarteirões de casas e aos espaços e construções públicas e apenas poucos desvios foram tolerados. Uma área central conveniente, tangencial à principal via L-O, foi reservada para a ágora. O belo templo de Atena ficava em uma posição alta, que permitia um certo controle do espaço, em um terraço a noroeste da ágora; o teatro, no topo da área construída, fazia o contraposto ao ginásio e ao estádio anexos que ficavam na parte mais baixa. A população de Priene não ultrapassava os 4000 habitantes. Entretanto, não podemos deixar que o nosso interesse natural pelas cidades mais famosas da Grécia nos faça esquecer que poucas foram do tamanho de Corinto, menos ainda do tamanho de Atenas, mas centenas foram pequenas como Priene, e todas eram *póleis* do mesmo modo. A partir da época do estabelecimento de Priene, os métodos hipodâmicos foram empregados mais extensivamente, particularmente na Ásia e nas numerosas fundações de Alexandre, o Grande, e de seus sucessores (Dura-Europos é um bom exemplo). Na época helenística, as cidades não mais possuíam aquela independência pela qual ficaram conhecidas; mas, com frequência, tinham uma autonomia local considerável, sem falar do benevolente patronato real. Assim, a cidade grega continuou viva e, em muitos sentidos, cresceu e se multiplicou. As realizações especificamente helenísticas, tais como as criações espetaculares dos arquitetos de Pérgamo no noroeste da Ásia Menor, merecem destaque. Seria difícil encontrar um contraste melhor do que aquele entre Priene e Pérgamo. Pérgamo foi desenvolvida por seus reis nos séculos III e II a.C. e era uma cidade puramente helenística, ao contrário de outras cidades gregas que foram se formando aos poucos. A parte alta de



<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Planejamento Grego de Cidades</b>	Jan / 2010
labeca		7 de 10									

Pérgamo, com o seu crescente de construções na aresta da colina e o teatro inserido na parte inclinada do morro eram sem dúvida magnífica. Mas, há algo de extravagante em relação a Pérgamo; os reis e seus arquitetos estavam tentando mostrar o que conseguiam fazer com recursos que ultrapassavam aqueles até das cidades gregas consideradas prósperas. Os construtores de Priene estavam simplesmente tentando prover os elementos essenciais de uma pequena cidade-estado.

Quando passamos a considerar os princípios gerais, descobrimos que eram poucos e simples. O planejamento urbano grego era oposto à academia e, até onde sabemos, não havia um corpo teórico definido. Platão [*Leis* 778.9] e Aristóteles [*Política* VII.10.11] quando falam da cidade ideal, se restringem às recomendações mais genéricas. “A dificuldade com tais coisas não é tanto uma questão de teoria, mas de prática”, diz Aristóteles; cada arquiteto ou projetista tinha que empregar o seu engenho para enfrentar problemas em cada sítio particular. O planejamento cuidadoso foi reconhecido no século IV a.C. como uma coisa boa e como um ganho para a cidade; o estado caótico das ruas de Atenas foi condenado por alguns autores antigos. Aristóteles [VII.10.4] aprova a ‘nova moda hipodâmica’, ainda que acredite que uma cidade fique mais segura contra a penetração de inimigos se a planta for irregular.

O objetivo principal do planejamento hipodâmico não era estético, ainda que os arquitetos, como a maioria dos artistas gregos, aproveitassem a oportunidade para fazer coisas belas. A razão, em primeiro lugar, estava constituída pelas necessidades práticas das colônias como já dissemos; o instinto grego de ordem e harmonia também teve um papel e isto estava intimamente relacionado ao seu sentido do belo. Mas toda a questão não passava de uma redução à ordem de elementos que já existiam; nenhuma violência foi perpetrada a estes elementos. (...) O processo foi meramente o de ‘arrumação’ e não uma revolução. É claro que, mesmo com essas limitações, o desenvolvimento foi muito importante por si próprio e produziu resultados acidentais importantes. Alguns dos elementos antigos regionais passaram por mudanças interessantes no processo de ajuste; o projeto retangular deu um impulso para a criação de tipos arquitetônicos mais bem acabados.

Acima de tudo, se uma cidade havia sido planejada nos moldes hipodâmicos desde o começo, o que significa que além da grade retangular de ruas, lotes de terra haviam sido separados para as diversas funções, o desenvolvimento que, anteriormente, havia ficado à sorte e mais ou menos inconsciente, poderia agora ser controlado e subordinado a um plano fixo, ainda que não necessariamente

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Planejamento Grego de Cidades</b>	Jan / 2010
labeca		8 de 10									

mais rápido. Uma inscrição de Cólofon, na Ásia Menor, mostra como os cidadãos, ao ampliar e expandir a sua cidade, no final do século IV a.C., resolveram designar um comitê de dez pessoas cuja função seria a de planejar a linha da muralha e assegurar os serviços dos melhores arquitetos disponíveis para definir o trajeto das ruas e atribuir os melhores lotes às diversas funções, reservando locais adequados para a ágora e os prédios públicos.

Hipócrates [*Ares, Águas e Lugares* III-IV] acreditava que a direção leste fosse favorável a uma cidade; Aristóteles também [*Política* VII.10.1] achava que uma cidade devia estar em uma colina, de face para o Leste ou, pelo menos, de face para o sul. Nenhum prescreve uma direção precisa para a orientação das ruas. Alguns autores tinham ideias particulares a respeito da orientação de ruas no sentido de favorecer ou de evitar o caminho de alguns ventos [Vitrúvio I.6]. Na prática, parece não ter havido regras ou princípios fixos para estas finalidades. Talvez uma preferência por N-S e L-O. Os contornos eram um fator decisivo. No plano, a escolha era livre. No plano inclinado, as ruas principais naturalmente longas deviam seguir o máximo possível os contornos e as travessas ficavam nas partes mais inclinadas. Uma vez selecionada, a orientação era mantida estritamente; alguns desvios eram permitidos em pontos complicados; raramente, até onde sabemos, partes da mesma cidade tinham orientação diferente. Há pouca evidência a respeito da influência de questões religiosas sobre este assunto, com exceção de que a preferência por uma orientação N-S ou L-O fazia com que os templos pudessem manter sua orientação tradicional para o Leste.

Se não fosse o fato de serem retas e paralelas, as ruas não eram muito diferentes do que tinham sido sempre. No todo, elas tendiam a ser um pouco mais largas do que nas cidades mais antigas, mas não correspondiam ao que nós chamaríamos de largas. Quatro, cinco ou seis metros eram larguras comuns, na maioria das cidades, às ruas mais importantes eram dadas um pouco mais de largura e ouvimos o caso de ruas excepcionais, que tinham duas ou três vezes essa largura. Mas, considerando as evidências, é preciso dizer que o planejamento que projetasse ruas espaçosas ou que previsse um tratamento arquitetural mais impressionante, não era uma tendência comum. Ruas com longas colunatas e belas vistas não aparecem senão mais tarde, no final do período Helenístico e em época romana. O cruzamento de duas ruas é, raramente, a base do projeto. Segundo Von Gerkan: 'A rua da cidade grega não pode ser considerada um elemento predominante do *design*, com uma impressão monumental por si mesma; ao contrário, até as ruas principais surgem das necessidades naturais de prover espaço para o aumento do trânsito em volta do mercado e do centro



<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Planejamento Grego de Cidades</b>	Jan / 2010
labeca		9 de 10									

do governo'. Como regra, a superfície era ainda a terra batida; a pavimentação era apenas acrescentada em lugares particulares e por razões especiais – por exemplo, no chão inclinado para prevenir que a enxurrada levasse a rua embora. Algumas das avenidas mais compridas de Olinto foram pavimentadas com seixos. A pavimentação mais sistemática de ruas ocorreu em época romana. Canais de drenagem, tanto abertos quanto fechados, eram providenciados mais frequentemente do que antes, mas ainda eram muito inadequados. Calçadas em nível mais elevado do que a rua eram raras.

A ágora ainda era o núcleo de toda a estrutura, dando a ela coerência e um centro para a vida cívica. Um número de quarteirões retangulares no meio era reservado para esta praça e o tratamento arquitetônico dado a esta praça, no século IV a.C e no começo do período Helenístico, é um dos produtos mais interessantes do planejamento hipodâmico. Os templos ainda estão espalhados pela cidade, com a diferença que agora eles têm uma área claramente definida e limitada a um ou dois quarteirões. Os quarteirões residenciais ocupam o que sobra. As muralhas são desenhadas de forma muito frouxa em volta, procurando uma linha defensiva mais persistentemente do que nunca antes, já que no século IV a.C., a técnica de sitiar tinha se desenvolvido muito. A muralha era quase que completamente independente do sistema de ruas; as entradas principais normalmente, mas nem sempre, abriam-se para uma rua importante, mas não eram situadas em seu eixo se por um posicionamento diferente ela podia ser mais forte. As acrópoles tinham se tornado bastante supérfluas nas velhas cidades e podiam ser dispensadas nas novas, a menos que uma altura dominante pudesse ser usada com vantagem pelas fortificações.

As referências literárias e os vestígios materiais justificam nossa visão de que o sistema de ruas retas entrecruzadas em ângulos retos era o método grego de construção *par excellence*. Mas, mesmo depois de bem consolidado, este planejamento não dominava todo o mundo grego. As antigas cidades da Grécia propriamente dita prendiam-se obstinadamente às formas tradicionais. Seria impraticável, mesmo que houvesse vontade, o replanejamento total de uma cidade cuja existência em um mesmo local datava de séculos. Muitas vezes a alternativa foi a transferência completa da cidade para um outro local; isto foi bastante frequente entre as cidades asiáticas, mas as cidades da Grécia européia dificilmente conseguiriam fazer o mesmo, ainda que o local mais antigo pudesse ter sido abandonado com vantagens para a cidade. Algumas partes da cidade poderiam passar por uma adaptação ou reforma, como ocorreu com a ágora de Atenas, ainda que não fosse uma transformação estrita do trajeto

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										<b>Planejamento Grego de Cidades</b>	Jan / 2010
labeca		10 de 10									

das ruas para formar os ângulos retos. Há, assim, pouca evidência de reformas drásticas das velhas cidades. Mesmo quando uma cidade tivesse sido destruída até o chão, a tendência era uma reconstrução mais ou menos no formato original. Tebas, no entanto, depois de completamente demolida por Alexandre, o Grande foi reconstruída de acordo com um projeto regular mas, desta vez, restrito apenas à velha cidadela, a Cadméia. Outro sinal da aplicação limitada do método hipodâmico é o de que novas cidades continuaram a ser construídas, seguindo linhas pouco regulares. Este foi o caso de Elis (471 a.C.). Megalópolis, fundada em 371 a.C., era arquitetonicamente ambiciosa, mas não tinha nada de hipodâmica até onde podemos afirmar; nem Mantinéia, reconstruída mais ou menos na mesma época, depois da experiência de ter sido dividida pelos espartanos nas aldeias originais, a partir das quais a cidade tinha sido constituída por sinecismo, séculos antes. Finalmente, já mencionamos como, no curso do período Helenístico, concepções arquitetônicas grandiosas surgiram, particularmente em Pérgamo e na sua área de influência, em que belos efeitos foram atingidos por meio do uso de terraços. Por outro lado, na 'produção em massa' de cidades novas na época helenística ocorrida por conta das conquistas de Alexandre, a planta em tabuleiro era normal, com uma certa uniformidade e estandardização – até em questões como o tamanho dos blocos –, desconhecida dos períodos anteriores.